

### ST6 - HISTÓRIA E NATUREZA NOS SERTÕES DO IMPÉRIO PORTUGUÊS

Me. Flávio P. Costa Júnior (UFPA)

Me. João Otávio Malheiros (UFMA)

O Império Português, desde o momento em que se aventura para além-mar no século XV, interveio na natureza dos territórios que logo reclamaria como suas possessões. Isso possibilitou, entre outras coisas, as trocas inter-regionais de espécies da fauna e flora, o que ocasiona mudanças nos hábitos da população nativa e da metrópole. Estas relações se modificaram com o avançar dos séculos. Se no século XVII o olhar para a natureza do Estado do Maranhão e Grão Pará vinha de narradores clericais como Cristóvão de Lisboa e Cristóbal de Acuña, formados na tradição escolástica da história natural, no XVIII, principalmente, um novo observador passa a ter cada vez maior relevância: o filósofo natural, o naturalista. Neste século, em que se dá o fim das descobertas marítimas europeias, com a viagem de James Cook a Oceania, se marca o início das viagens exploratórias científicas, agora feitas por especialistas leigos, adentrando o interior dos continentes e observando os sertões com o olhar iluminista. A Coroa portuguesa, a fim de ter um maior conhecimento sobre as potencialidades da natureza de suas possessões, envia tais exploradores para coletar e classificar os diversos elementos da fauna, flora e minérios. Foi o caso do explorador Alexandre Ferreira, no Grão-Pará; e Vicente Dias Cabral, no Maranhão e Piauí. Estes percorrem os sertões destas capitânias com a missão de avaliar a natureza, não só para um estudo em si, mas por motivações econômicas, em busca da compensação financeira que essas pesquisas poderiam propiciar para a Coroa portuguesa. As viagens também tinham a finalidade de realizar demarcações mais precisas, seja entre as capitânias ou entre os territórios lusitanos e os da América Espanhola e os holandeses, franceses e ingleses nas Guianas. Já no século XIX, vale destacar a viagem de Francisco de Paula Ribeiro ao sertão do Maranhão com tais finalidades demarcatórias. Os exploradores recolhiam amostras dos produtos e espécies naturais de todos os gêneros e as classificavam por meio de técnicas taxinomistas. Era, pois, um trabalho deveria a ser realizado com método e rigor científicos, de forma que nada fosse negligenciado, e tudo deveria ser descrito pelos mais altos padrões europeus da época. As atividades eram concretizadas por equipes em que, além dos naturalistas, existiam geólogos, cartógrafos e riscadores (desenhistas que aptos para representar detalhadamente a natureza em ilustrações). E não apenas dos naturalistas, em tese os mais preparados para a coleta e classificação das amostras, se cobravam observações aturadas, mas também dos vice-reis, governadores das capitânias, e mesmo dos moradores, militares e eclesiásticos. Registravam-se informações extraídas dos nativos das diversas partes do Império que possuíam a sabedoria da natureza local. Relatavam-se os usos e utilidades dos gêneros para os fármacos, o comércio, a indústria e a agricultura. Dependendo do dinamismo do governador de capitania, se atribuíam mais ou menos valor a certas descobertas e certos lugares. Determinava-se que os espécimes deveriam ser acondicionados e classificados; que os desenhos deveriam ser enviados para Lisboa ou Coimbra. Relatórios mensais deveriam ser confeccionados, descrevendo as atividades realizadas na expedição. Assim, todas as atividades relacionadas a estas viagens exploratórias produziram um amplo material memorialístico, inclusive pela feitura de imagens dos elementos da flora, da fauna e minerais. Era fundamental para a boa administração do Império português compreender, por meio da apropriação cognitiva, todo o conjunto dos elementos naturais – bichos, plantas, gentes, minerais, rios, caminhos

etc. – dos domínios e fixar as divisas e fronteiras. Deu-se assim que, por meio dos relatórios, cartas, relações, narrativas, desenhos e coleções de amostras dos espécimes – produzidos por tais exploradores, é possível para historiadores conhecer os sertões do período colonial.

#### Referências Bibliográficas:

ACUÑA, Critóbal de. **Novo descobrimento do grande Rio das Amazonas** (1641). Trad. De Helena Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

ALGRANTI, Leila Mezan; MEGIANI, Ana Paula (orgs.). **O Império por escrito: formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico (séculos XVI-XIX)**. São Paulo: Alameda, 2009.

BONATO, Tiago. **O olhar, a descrição: a construção do sertão do nordeste brasileiro nos relatos de viagem do final do período colonial (1723-1822)**. – Dissertação (apresentado ao Programa de Pós-graduação em História) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

BOURGUET, Marie-Noëlle. “O Explorador”. In. VOVELLE, Michel. **O Homem do Iluminismo**. Lisboa: Editora Presença. 1997.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2008.

CARDOSO, Alírio Carvalho. **Maranhão na monarquia hispânica: intercâmbios, guerra e navegação no antigo Estado do Maranhão (1607-1653)**. Tese de doutoramento. Salamanca-ES. Universidad de Salamanca, 2012.

\_\_\_\_\_. “Especiarias na Amazônia portuguesa: circulação vegetal e comércio atlântico no final da Monarquia Hispânica”. **Revista Tempo** (Niterói), vol. 21 (2015), p. 1-18.

CHAMBOULEYRON, Rafael. **Povoamento, Ocupação e Agricultura na Amazônia Colonial (1640-1706)**. Belém: Ed. Açaí/ Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/ Centro de Memória da Amazônia, 2010.

DOMINGUES, Ângela. “Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição das redes de informação no Império português no final dos Setecentos”. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**, vol. 8, p. 823-838, 2001.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FRANKLIN, Adalberto; CARVALHO, João Renôr F. de. **Francisco de Paula Ribeiro: desbravador dos sertões de Pastos Bons: a base geográfica e humana do sul do Maranhão**. Imperatriz: Ética, 2007.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo: história de uma mundialização**. Trad. de Cleonice Paes Barreto e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Edusp, 2014.





# III COLÓQUIO HISTÓRIAS DO SERTÃO

AS DIMENSÕES DO SERTÃO NA  
HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

12/09 a 14/09/2018

KURY, L. "Homens de ciência no Brasil: império colonial e circulação de informações (1780-1810)". **História, Ciência e Saúde** – *Manguinhos*, vol. 11, p. 109-129, 2004.

LISBOA, Cristóvão de. **História dos animais e árvores do Maranhão**. Edição fac-similar. Lisboa-PO: Arquivo Histórico Ultramarino, 1967.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

RAMINELLI, Ronald. **Viagens ultramarinas**: Monarcas, vassallos e governo a distância. São Paulo: Alameda, 2008.

RUSSELL- WOOD, A. J. R. **Um mundo em movimento**: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808). Lisboa: DIFEL, 1998.

WORSTER, Donald. "Para fazer história ambiental". **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991.

